



## FADE: pela preservação da Pampulha



Paula Hermont

Casa do Baile, na orla da Lagoa da Pampulha, é o local da primeira reunião do FADE

Moradores reclamam por mais segurança  
pág. 3

Os muros da Pampulha são vítimas da disputa eleitoral  
pág. 6

Entrevista: Gerente do Distrito da Copasa de BH  
pág. 7

Por que participar de uma associação de bairro?  
pág. 8

## Carta ao leitor

Confesso-me triste ao escrever minha mensagem desta edição... Penso na perda de uma de nossas associadas mais gentis, D. Lygia Mattos, 82 anos. Jamais me esquecerei de seu telefonema para agradecer por meu trabalho à frente da Pro-Civitas, gesto único neste meu tempo na associação. Tampouco me esquecerei de nossa ida à BHTrans e à Regional, em que discutiríamos a promessa do Prefeito Fernando Pimentel de que o problema da passarela, que criminosamente invade a pista da Antônio Carlos, seria resolvido pela prefeitura de Belo Horizonte, responsável pela obra. Naquela ocasião, D. Lygia havia se disposto a patrocinar um concurso de arquitetos à procura de soluções para eliminar as falhas na estética e execução de seu projeto.

Esta senhora valente e disposta já não poderá ver esta questão solucionada... Espero podermos, nós, ver alguma mudança neste sentido, e também em relação a várias outras de grande importância aos bairros e seus moradores, que buscam, através da Pro-Civitas, serem ouvidos pela administração pública.

Em ano de eleições, é bom lembrar que o cidadão procura, cada dia mais, ser ouvido. Cabem aos políticos representá-lo nas diversas decisões. A participação do cidadão cresce através de núcleos menores, como as associações de bairros. Suas reivindicações são discutidas em prol do bem coletivo, sem interesses econômicos e com grande respeito por outros núcleos da cidade que podem ser, de alguma forma, impactados por estes pleitos. Tais organizações devem, pois, ser convidadas a expor problemas e propostas. Seus representantes devem fazer todo esforço para trazer as respostas, sejam elas obras, debates, leis... Vocês lerão, neste jornal, sobre o início do FADE, um fórum formado por moradores de nossa região. Esperamos que seu poder consultivo pese nas decisões do executivo.

Peço a cada um de vocês que se lembrem dos nomes para quem votaram e que não repitam o voto que elege representantes que não trabalham com honestidade e transparência para alcançar o necessário à melhoria de nossa qualidade de vida.

**Juliana Renault Vaz**  
Presidente da Associação Pro-Civitas

## cartas

### A Feirinha de Produtos Orgânicos da Pampulha

"Oi pessoal da Pro-Civitas

Tenho ido todos os sábados à feira de produtos orgânicos na praça Dalva Simão.

Estou encantada com os produtos e com a delicadeza dos feirantes. No último sábado minha filha Carolina notou a diferença, perguntando onde estava comprando as verduras e legumes.

O tempero pronto sal com alho, molho de tomate, geléias, também são ótimos e deliciosos. Espero que a feira continue e cada vez mais o pessoal da Pampulha prestigie."

Abraços,

Beatriz Borges

"Olá!

Por gostar muito dos produtos vendidos na Feira de Orgânicos, quero fazer um convite a quem não conhece a Feira.

Moradores da Pampulha, venham aos sábados, de 8 às 12hs., na Praça Dalva Simão (em frente à Iemanjá) e comprovem a qualidade e os preços dos produtos. Vale a pena conferir."

Abraços,

Júlia.

Você já visitou a "Feirinha de Orgânicos" na Praça Dalva Simão (Av. Otacilio Negrão de Lima com Santa Rosa)? Não?

Então não sabe o que está perdendo. Ela funciona todos os sábados, das 8:00h ao meio dia. As verduras, legumes, temperos e frutas são fresquinhos e produzidos sem o uso de agrotóxicos, em pequenas propriedades nas proximidades de Belo Horizonte e comercializadas pelos próprios produtores. Além disso, você encontra em pacotes de 1 quilo arroz e feijão produzidos nas mesmas condições.

E tem mais: saborosas conservas feitas com berinjela, jiló e outras mais sofisticadas, feitas com tomate seco e funghi. Os doces caseiros são de dar água na boca: goiabada cascão, bananada, doce de abóbora e os biscoitos artesanais que as vovós antigas sabiam fazer. Isso, sem falar nas belíssimas orquídeas. Mas é bom lembrar: não vá muito tarde, porque alguns produtos acabam logo.

Mas, na verdade, o melhor de tudo é a conversa descontraída com os feirantes (coisa que não existe nos supermercados e sacolões) e a oportunidade de rever os amigos e vizinhos do bairro. Finalmente, da praça, você pode apreciar a vista mais bonita da lagoa.

George Washington Gomes de Moraes  
morador do bairro Bandeirantes.

[Você sabia que quem gasta um pouco mais agora em alimentos orgânicos \(cerca de 30%\) economiza em futuros tratamentos médicos?](#)

Essa e outras matérias sobre slow food, vegetarianismo, alimentos crus e piquenique estão no especial de VIDA SIMPLES O Verdadeiro Prazer de Comer, nas bancas.

Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José

Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG  
CEP: 31.270-750

Tel: 3490-4564 - e-mail: [pro\\_civitas@terra.com.br](mailto:pro_civitas@terra.com.br)

## expediente

Presidente: Juliana Renault Vaz  
Vice-presidente: Raquel Teixeira Braga de Souza Goulart.  
Diretor Administrativo-Financeiro: Carlos Antônio Quirino.  
Conselho Consultivo: Helder Novais, Paulo Emílio Gaissler e Taís Cunha.  
Conselho Fiscal: Claude Mines, Éder Figueiredo, Hélio Gonçalves, José Afonso Assumpção, José Flávio Barbosa e Fátima Cassis.  
Produção: C.R.I.A. UFMG Jr.  
Projeto Gráfico: Cláudia Mendonça.  
Diagramação: C.R.I.A UFMG JR.  
Projeto Editorial: Cláudia Mendonça, Flávia Reis e Sílvia Dalben.  
Apuração, Redação e Edição: Breiller Pires, Fábio Neves, João Vitor Leal, Lívia Machado, Luana Vieira, Maria Tereza Dias, Martha Domingues e Paula Hermont  
Fotografia: Breiller Pires, Fábio Neves, João Vitor Leal e Paula Hermont  
Jornalista Responsável: Jurandira Gonçalves - MG 10185 JP.  
Periodicidade: Bimestral - Tiragem: 3.000 exemplares.

## notícias

## Um pouco mais de segurança

Reportagem: Breiller Pires

A paisagem impressiona. As obras do conjunto arquitetônico são patrimônios de alto requinte, que atraem milhares de turistas anualmente. A orla da lagoa abriga famílias, esportistas e pessoas que buscam tranqüilidade. No entanto, pode-se dizer que a Pampulha é um lugar seguro?

De acordo com Gersino de Moura, 64, freqüentador e admirador da Pampulha, a segurança no entorno da lagoa deixa a desejar. Para ele, deveria haver mais orientação aos visitantes. Até porque, em alguns pontos, a orla da lagoa é praticamente deserta.

No entanto, não só os turistas são alvo da criminalidade na região. Eli Moisés, 28, residente no bairro Castelo, vai à Pampulha todos os sábados. Ele treina com seu time de futebol americano no Parque Ecológico Promotor José Lins do Rêgo. No último dia 5 de agosto, quando chegava para treinar, Eli foi abordado por dois homens no estacionamento. Um deles apontava uma arma em sua direção.

Após recolherem sacolas com material esportivo, uma pochete e um celular, os assaltantes mandaram Eli Moisés ficar abaixado dentro do carro, caso contrário, atirariam.



Breiller Pires

Para Gersino de Moura, a Pampulha ainda não oferece segurança suficiente a seus visitantes

Ao perceber que os ladrões já haviam fugido, Eli acionou a Polícia Militar e um agente da Guarda Municipal, que estava na portaria do parque. Apesar da pronta assistência, os policiais não conseguiram localizar os assaltantes.

#### Policiamento

Morador da região da Pampulha, Eli Moisés considera a segurança local muito deficiente em quantidade. “Deveria sempre ter uma viatura ou um posto fixo da PM no parque ecológico, por exemplo. O lugar é muito freqüentado, principalmente por crianças” reclamou.

Porém, segundo o inspetor Paulo Maia, da 23ª Delegacia Distrital da Polícia Civil – um dos postos responsáveis pela segurança na Pampulha -, a região conta com policiamento efetivo. Ele afirmou que uma espécie de mapeamento das áreas de risco determina os locais prioritários para a atuação dos policiais. A partir daí são realizadas rondas e fiscalizações no entorno da Lagoa da Pampulha, em conjunto com a Polícia Militar e a Guarda Municipal.

O inspetor disse ainda que são realizadas reuniões mensais

através do CONSEP 15 (Conselho de Segurança Pública) para discutir a segurança na região. Dentre os que participam destas reuniões, estão representantes da Prefeitura Municipal, da Polícia Militar, do Conselho Tutelar e dos moradores da Pampulha.

Os tipos de crime mais registrados na 23ª Delegacia Distrital são roubos a transeunte, furtos a residências e homicídios. Registros visíveis de que, apesar do policiamento, a Pampulha ainda não é uma referência – assim como é no cenário turístico – no quesito segurança.

## Troca de comando

Em 13 de julho deste ano, o major William Soares Sobrinho transferiu o comando da 17ª Companhia da Polícia Militar para o major Francisco José Pereira. O novo comandante afirmou que vai manter a política de ação preventiva adotada pela Companhia - localizada no quartel do 34º Batalhão, no bairro Caiçara. “É necessário aumentar a prevenção para diminuir a repressão”, disse.

Ocupando o cargo há pouco mais de um mês, o major salienta que

as ações preventivas dependem de uma aproximação da Polícia junto à comunidade da região da Pampulha.

Para isso, ele tenta estabelecer contatos com líderes comunitários dos bairros São Francisco, Ouro Preto, Santa Terezinha, Nova Pampulha, Urca, Confisco, Sarandi, Bandeirantes, São Luís e São José, algumas das áreas pelas quais a 17ª Cia. da PM é responsável, a fim de detectar as prioridades para o policiamento na região.

De acordo com o major Pereira, desde que assumiu a Companhia, houve redução de 31% dos delitos na região da Pampulha.

Para manter este índice, alguns projetos de segurança já estão em desenvolvimento. Um deles é a instalação de câmeras em “locais de risco”. Através delas a Polícia Militar poderá monitorar a região de forma mais abrangente. Segundo o major, a instalação das câmeras só depende

de alguns acertos técnicos.

Outro projeto em andamento é a criação da AISP 23 (Área Integrada de Segurança Pública), que provavelmente funcionará na rua Jordânia, bairro Ouro Preto. A AISP 23 será comandada pelo major Pereira, junto a um delegado da Polícia Civil. Esta Área Integrada visa articular as ações das Polícias Civil e Militar, no intuito de efetivar maior segurança na região.

## reportagem especial

## FADE: um fórum em

Reportagem: Martha Domingues e Paula Hermont

## Órgão pretende conservar o patrimônio his

Divulgação



Flávio Carsalade e seu suplente Antônio Adonis explicam o que são o FADE e as ADE's

Afinal, o que é o FADE? Qual a sua relação, leitor, com ele?

O Fórum da Área de Diretrizes Especiais da Pampulha – FADE Pampulha - é um órgão com poder consultivo, isto é, representa uma força política quanto ao destino da região. O Fórum possui um poder deliberativo frente à regulamentação de atividades instaladas antes de janeiro de 2003 e que estejam em desacordo com o que prescreve a legislação. O FADE Pampulha engloba representantes do poder público, da comunidade local e da sociedade civil e tem como principais atribuições propor melhorias para a Pampulha e auxiliar na fiscalização da Lei 9037. Ele possui um grande alcance, pois pretende garantir o destino da Lagoa, buscando subsídios na própria legislação brasileira. Com vista nessas atribuições legais, o prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel, foi o responsável por designar os membros que irão compor o Fórum. Atualmente, três representantes foram escolhidos para ficar à frente do regi-

mento do Fórum: Flávio de Lemos Carsalade, que representa o poder público, Nelson Ferreira Pinto, representante da Associação de bairro Pro-Civitas e Rosely Carlos Brandão, integrante da Associação Civil Pampulha Viva. De acordo com Flávio Carsalade o objetivo do FADE Pampulha é criar um acompanhamento e uma gestão compartilhada dessa importante área de Belo Horizonte, permitindo o debate sobre seu futuro e buscando equilibrar suas principais funções de habitação, lazer, cultura e turismo.

#### O que é a lei 9037?

A lei 9037 estabelece que a Região da Pampulha é uma Área de Diretrizes Especiais (ADE). A Pampulha é um local que segue certos dispositivos que determinam como deve acontecer a ocupação e o uso do solo. Por exemplo, imóveis da região não podem atingir o lençol freático.

A ADE visa a proteção e a valorização do patrimônio arquitetônico, cultural e paisagístico da região

através da ocupação e o uso do solo de maneira a manter as características do local.

A Pampulha é uma área residencial e de preservação arquitetônica e ambiental. Por isso, a lei 9037 prevê que estabelecimentos que não possuam estas características devam se adequar a regras e contribuir para a preservação do ambiente local. Alguns estabelecimentos comerciais, como bares e casas noturnas, são considerados pela lei como causadores de impactos na região: potencializam a poluição sonora e chegam a causar congestionamento no trânsito local. De acordo com Flávio Carsalade, o FADE compreende que a cidade é o lugar da diversidade, porém o uso residencial já é o uso tradicional da Pampulha. Por esta razão, para a manutenção destes espaços será pedido, por exemplo, um estudo de impacto de vizinhança (EIV).

Cabe ao Fórum acompanhar a fiscalização destes estabelecimentos e a adequação dos mesmos às diretrizes da ADE. Segundo Júlia Becattini, representante da Pro-Civitas no FADE, “como vários estabelecimentos podem ser abertos na orla da Pampulha, temos que fiscalizá-los, fazer com que se cumpra a lei. Podem ser abertos estabelecimentos comerciais, desde que sigam as normas definidas por lei”.

#### Primeira Reunião do FADE

A primeira reunião do FADE aconteceu no dia 03 de agosto de 2006 na Casa do Baile, cartão postal de Belo Horizonte localizado na orla

da Lagoa da Pampulha. O local foi bem escolhido, já que o propósito do Fórum é a conservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental da região.

O encontro foi aberto com a apresentação dos doze membros titulares e dos doze suplentes que compõem o FADE, todos com um discurso de amor e respeito pela região, sempre pensando em melhorias para os bairros. “O que nos reúne é o compromisso com a Pampulha e com o destino da Lagoa”, disse Flávio Carsalade.

“O FADE Pampulha pretende criar um acompanhamento e uma gestão compartilhada dessa importante área de BH”.

Depois foi apresentado um breve histórico da ocupação da cidade e das leis que regiam esta ocupação. Mostrou-se que, na década de 70, a lei de ocupação e uso do solo de 1976 inseriu o que se entende por microzoneamento funcional. A lógica era a de ter avenidas como coletoras de movimento no centro da cidade; porém, o que se percebeu foi que esta lógica não dava certo, pois o movimento era grande demais e as avenidas não tinham infra-estrutura para recebê-lo. A idéia não funcionou e as próprias avenidas que ligavam as ruas estavam ficando “esclerosadas”, potencializando um conflito com a guia de articulação. Em 1996 surge o 1º Plano Diretor de Belo Horizonte, que, a partir de então divide a cidade em zonas, o que seria o macrozoneamento. Este tipo de zo-

# prol da Pampulha

## tórico, cultural e paisagístico da Pampulha

neamento visa a dispersão do movimento na malha urbana, unindo grandes regiões da cidade com a mesma lógica de ocupação. Em 2005 surgem as Áreas de Diretrizes Especiais (ADEs), que são “sobre-zoneamentos” com uma regulamentação específica para áreas com determinada importância. A Pampulha se enquadra nessa categoria especial devido ao seu acervo cultural e histórico, suas belezas paisagísticas e arquitetônicas.

### A Pro-Civitas no FADE

“O FADE vai dar uma tranquilidade aos moradores da Pampulha” diz Júlia Becattini, moradora da Pampulha e representante da Pro-Civitas no Fórum. O seu suplente, o advogado Nelson Ferreira Pinto, afirma que cabe ao FADE opinar sobre o licenciamento de atividades permitidas em diversos pontos da Pampulha.

De acordo com a representante, a sua indicação se deve ao tra-

balho que sempre desenvolveu na região, seja na escola da rede municipal em que trabalhava ou em defesa dos interesses da Pampulha. “Já me destaquei em vários momentos de defesa da Pampulha”, afirma.

O seu plano de ação objetiva trazer melhorias para a ADE Pampulha. Para Júlia, “É muito importante observar a proteção e a preservação do meio ambiente, do meio paisagístico e do cultural”, afirma. Além disso, como já tem um contato muito próximo com a população local, ela acredita que esta confia em sua capacidade de traduzir para o Fórum os anseios da comunidade, representando-a nas reuniões.

Para Júlia, a melhor forma de acompanhar os trabalhos do Fórum é através do Jornal da Pro-Civitas. “É o melhor veículo”, diz, “pois o distribuímos só na nossa região, para os moradores verem o nosso trabalho”, conclui.



O contato com a comunidade da Pampulha dá a Júlia Becattini autoridade para representar a Pro-Civitas no FADE.

### Fonte normativa

A lei 9037 de janeiro de 2005 é de grande importância para a eficácia dos trabalhos realizados pelo FADE. Ela foi regulamentada pelo decreto 12.015 de abril de 2005. Vale ressaltar alguns dos seus artigos para uma melhor compreensão do que ela prescreve:

Art. 21: A ADE Pampulha tem como objetivo específico a proteção e valorização do patrimônio arquitetônico, cultural e paisagístico e o fomento do potencial turístico da área, por meio de parâmetros adequados de ocupação e de uso do solo.

Art. 33: As atividades instaladas há mais de 2 (dois) anos de vigência desta Lei e que estejam em desacordo com o Anexo VII desta regulamentação, poderão permanecer no local, observadas as seguintes condições:

- a) regularização das especificações, esteja a atividade regularizada ou não;
- b) regularização das atividades, mediante apresentação do EIV e aprovação do Fórum da Área de Diretrizes Especiais da Pampulha – FADE da Pampulha, do COMPUR e aprovação do CDPCM, quando aplicável.

### Sede sinuosa

A Casa do Baile é a sede de encontros marcados por discussões a respeito das diretrizes urbanas e ambientais de BH, como vem ocorrendo nas reuniões do FADE Pampulha.

### História

Na década de 1940 a Pampulha colocou Belo Horizonte no mundo, criando um eixo de sociabilidade e



A Casa do Baile é um importante cartão postal de Belo Horizonte

cultura. A Casa do Baile, projetada em 1943, é um centro de referência de urbanismo, arquitetura e *design*. Ela foi criada para ser uma pista de dança e era freqüentada, principalmente, pela classe média que ia ao local não só para bailar, como também para admirar a elite que ia ao cassino do Museu de Arte da Pampulha. Com a desativação do cassino em 1946, a população deixa de freqüentar a Casa do Baile. Em 2002, foi reinaugurada após uma reforma geral. O projeto arquitetônico é caracterizado por formas sinuosas que sugerem uma continuação da Lagoa.

### Atividades

Atualmente, podem ser encontradas inúmeras atividades mensais na Casa. Uma delas é a sessão de um filme, aos sábados, às 16hs. No último sábado de cada mês o filme dá lugar ao “Música no Baile”, evento que ocorre no palco externo do espaço às 19hs. A exposição “A cidade e os cartões postais” reúne 50 postais do acervo do Museu Histórico Abílio Barreto, que pode ser vista até o dia 26 de novembro.

## artigo

## Interdição da Pampulha

As informações sobre a Pampulha divulgadas pelo presidente da APAM - Associação dos Amigos da Pampulha, engenheiro Flávio Marcus Ribeiro de Campos, merecem uma profunda reflexão. Ele demonstra que, desde sua inauguração em 1938 até hoje, a Lagoa da Pampulha só vem perdendo volume de água. Dos 18 milhões de metros cúbicos atingidos em 1942, quando JK elevou o nível, só restam 7,2 milhões, o que permite o anúncio certo de sua morte em 2020.

As obras, recentemente reiniciadas, vão retirar somente 300 mil metros cúbicos quando, no período de 21 meses entre o último desaterro e o começo do atual, entraram 650 mil. Entretanto, vão ser gastos R\$ 10 milhões, dos quais 8 serão doados pela ANA - Agência Nacional de Águas e apenas 2 pela prefeitura.

Este fato gravíssimo, denunciado por um especialista que estuda os problemas da Pampulha há mais de 40 anos, merece atenção de nossas autoridades. Com o período das chuvas, as obras serão interrompidas. Se retornarem no próximo ano, o dobro do material que foi retirado já terá voltado ao lago. Conclusão: estamos gastando inutilmente dinheiro público.

A Apam está terminando estudos que serão levados ao Ministério Público Estadual e Federal, a fim de propor a interdição da obra, caso não haja explicações convincentes das autoridades responsáveis.

A Constituição brasileira afirma expressamente que a Administração Pública de qualquer poder da União tem de obedecer, dentre outros princípios, ao da publicidade. Se estão desperdiçando dinheiro em obras que nada trazem de benefício coletivo, cumpre ao Ministério e ao lphan (já que a região é tombada) agir.

As obras devem tomar outro rumo, atacando o problema de outra forma. Para isto, existem sugestões de especialistas, professores da UFMG e do próprio engenheiro Flávio Marcus, um grande entendido do tema.

Reagir é um dever de todos. Das autoridades esperamos a ação pronta que se fizer necessária, inclusive interditando a obra, se for verdade que o dinheiro está sendo jogado fora. Precisamos saber a verdade. Ao povo cabe defender o que é seu.

Antônio Álvares da Silva  
Professor titular de Direito da  
UFMG

## notícias

## Muros alteram voto de moradores

Reportagem: Maria Tereza Dias

A partir do início da permissão para as campanhas eleitorais em 6 de julho, os moradores dos bairros da Pampulha começaram a sentir efeitos colaterais da guerra entre candidatos, principalmente quando os alvos da campanha são os imóveis da região.

A propaganda em propriedades particulares é permitida pelo TRE-MG desde que feita com a autorização do proprietário do imóvel. A APAM (Associação dos Amigos da Pampulha) argumenta que a região da Pampulha sofre mais com essas intervenções, uma vez que possui muitos lotes murados e é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O turismo na área também fica comprometido com a descaracterização da paisagem, já que a maioria dos muros são pintados de branco com o nome e legenda dos candidatos em cores vibrantes.

No dia 19 de julho, a associação alegou que muitos muros eram pintados com autorização de terceiros, sem o conhecimento do proprietário. A fiscalização nesses casos é feita pela Comissão de Fiscalização



Intervenções em muros prejudicam paisagem

da Propaganda Eleitoral. O juiz Reinaldo Portanova pediu à associação que encaminhe as verificações de irregularidades para a comissão, acompanhadas de registro fotográfico, para que cada caso seja julgado. Caso fique constatada a irregularidade, o candidato pode sofrer multa e é obrigado a pintar o muro na cor original.

Através da campanha, afirmando que os eleitores da Pampulha não votam nos candidatos que anun-

ciam degradando a paisagem, os moradores pretendem coibir essas ações. O voto, mais uma vez, parece ser a maior força de combate do cidadão.

Após as eleições, os muros pintados com propaganda eleitoral têm até 30 dias para serem repintados na cor original. Em caso de descumprimento desta norma e de pintura não autorizada nos muros, o morador pode fazer denúncia ao TRE – 33448763 ou 32964762.

## Amando a Pampulha radicalmente

Reportagem: Luana Castro

Além da "Volta internacional" que acontece todo ano, a Pampulha é palco de alguns esportes radicais e até mesmo inusitados. Nesse quesito,



Futebol americano

destaca-se o futebol americano.

O grupo Minas Locomotiva de futebol americano teve sua primeira reunião em outubro de 2005 com a presença de oito pessoas. A partir de então foi criado o time BH GoldMiners, que, para a popularização do esporte, seria chamado de Minas Locomotiva. O time treina todos os sábados, no Parque Ecológico da Pampulha, em frente à Toca da Raposa I, às 14h.

Outro esporte popular é o ciclismo. A lagoa é um espaço especial para os estradeiros, por se tratar de um local asfaltado. Existem três grupos de treinos abertos durante a semana. Às segundas e quartas há o

grupo do frango, aberto a qualquer tipo e modelo de bicicletas. Às terças e quintas acontece um "Mata-Mata", também para qualquer bike e a ciclistas de qualquer idade. E aos sábados, há o grupo da "União Ciclística", que dispensa filiação e placa.

Vale lembrar que a Lagoa tem potencial para receber provas de triathlon, sendo necessárias a limpeza e despoluição completa de alguns de seus trechos. Atualmente, os atletas belo-horizontinos da modalidade treinam e competem na Lagoa dos Ingleses, em Nova Lima, o que aumenta os gastos para estes atletas que, geralmente, não tem um patrocinador.

notas

ARRAIÁ DO IPÊ 2006

Na sua segunda edição, o Arraiá do Ipê reuniu mais de 400 pessoas, entre antigos e novos moradores dos bairros São Luís e São José.

A festa beneficia o Lar dos Meninos do Dom Orione. A renda obtida superou as expectativas, ainda somada a uma doação da CEMIG. Maior atenção com a festa do ano que vem, só mesmo em relação à limpeza das ruas, que neste ano deixou a desejar.

PROJETO PAISAGÍSTICO DO BAIRRO SÃO LUÍS

A Pro-Civitas e a Regional Pampulha estão se unindo para resgatar o projeto paisagístico do bairro São Luís. A idéia é trazer de volta a beleza das árvores para as alamedas com rearboreção, poda de qualidade e extermínio de ervas prejudiciais. Aguardem mais notícias!

FALECIMENTO

Faleceu dia 17 de Agosto Lygia Mattos, mulher batalhadora e gentil, grande apoiadora da Pro-Civitas. Nosso profundo pesar.

REUNIÕES DO FADE PAMPULHA

As próximas reuniões do Forum da Área de Diretrizes Especiais da Pampulha (FADE - ver matéria especial) ocorrerão na primeira quinzena de setembro. A reunião da comissão que está elaborando o regimento será dia 5, e a reunião ordinária, dia 12.

CADEIRA NO BAILE

O Projeto Cadeira do Mês, realizado na Casa do Baile, trouxe em agosto a cadeira Paulistana, do autor Paulo Mendes da Rocha. No mês de setembro será a vez de uma cadeira original do restaurante da Casa do Baile, de autor desconhecido. A cadeira será cedida pelo acervo do Museu de Arte da Pampulha.

entrevista

Copasa discute vazamentos e buracos

Reportagem: Fábio Freitas

O gerente do Distrito da Copasa de Belo Horizonte Norte, José Wanderley Fonseca, falou ao Jornal da Pro-Civitas sobre demoras no atendimento a vazamentos e problemas na restituição de vias e passeios.

**JP:** Por que, às vezes, há demora para atender à população?

**JW:** Em todo vazamento, contamos com o apoio da comunidade com reclamações. Identificado um vazamento de responsabilidade nossa, preocupamo-nos em consertá-lo no mesmo dia. A recomposição do pavimento leva, geralmente, de dois a cinco dias. Quando há vala em pista de trânsito rápido, temos de consertar, no máximo, no dia seguinte. Se um cliente diz vazar muita água, a equipe vai na hora. Se não há disponibilidade, podemos fechar a água na área e avaliar se o problema pode esperar o próximo dia. Nós atendemos durante as 24 horas, mas à noite, a equipe é reduzida. Em emergência, nós atendemos e, às vezes, verificamos que seria preferível que vazasse um pouco de água, mas todo mundo continuaria abastecido. À noite, não podemos fazer o serviço, devido ao barulho.

**JP:** Moradores reclamam da burocracia no atendimento da Copasa...

**JW:** Nós procuramos esclarecer ao máximo o problema. Então, às vezes, há burocracia. O ideal seria se ligassem e nós estivéssemos lá imediatamente. Mas não é possível. Nosso atendimento é separado. A pessoa pode falar que é água, mas é esgoto, e a equipe que vai não faz nada, pois só mexe com água, e vice-versa. Se há um buraco no meio da via, a equipe fica no lugar, pois alguém pode cair ali, e espera a chegada da sinalização, parando o carro e indicando o buraco.

**JP:** E quando o vazamento causa danos materiais?

**JW:** Quando alguém diz que há dano, como invasão de imóvel, é prioridade. Se emergencial, paramos outro serviço e atendemos. Tivemos vários casos de danos a imóveis, a documentos importantes de clientes, e a Copasa teve que ressarcir.

**JP:** É feita manutenção periódica nas redes?

**JW:** A manutenção é preventiva. Se há vazamento, mesmo que provocado, trocamos a rede ruim e registramos a ocorrência. Às vezes, vaza, sem motivo aparente, verificamos e vemos que foi fadiga do material. Um caso de que reclamam muito é rede

**“O objetivo é fornecer água de boa qualidade, sem interrupção, com boa pressão”**

de ferro, mais antiga. Não serve mais, enferruja. A troca leva de dois a três dias. Na falta de água, na mesma hora tem que trocar. O objetivo é fornecer água de boa qualidade, sem interrupção, com boa pressão.

**JP:** Por que nem sempre o pavimento recomposto é igual ao original?

**JW:** O objetivo é devolver como era. Lógico que, se fazemos asfalto novo junto a um já velho, percebe-se que houve intervenção. Todo serviço é fiscalizado. Se não ficou bem feito e alguém reclamou, atendemos imediatamente. Muitas vezes, não executamos, porque o cliente liga, diz ser um problema da Copasa, mas na verdade, é da Prefeitura, de outra empresa, ou do próprio morador.

**JP:** Há problema em substituir o pé-de-moleque, calçamento original de várias ruas da região, pelo asfalto?

**JW:** Hoje, a cidade é urbanizada.

Fábio Freitas



O engenheiro José Wanderley Fonseca

Recomposição de calçamento é rara, mas sempre que possível, colocamos o pavimento original. Quase sempre, a reposição é com asfalto, mais rápida e de melhor qualidade.

**JP:** O asfaltamento pode diminuir a permeabilidade da região? Pode causar algum malefício?

**JW:** Essa discussão é de nível de opiniões na engenharia. Quanto mais absorção de água pluvial no solo, melhor para a natureza. Há uma lei municipal que proíbe a impermeabilização de um lote todo. Tem que haver uma área de absorção de água.

**JP:** Como um buraco pôde ser deixado aberto por mais de três meses? (na esquina das Alamedas das Falcatas e Coqueiros)

**JW:** Não é padrão nosso uma reclamação nesse prazo. Pode ser um caso de o cliente não saber de quem é a responsabilidade. Ou não chegou a nós a reclamação. Recomposição, geralmente, é toda terceirizada. É de interesse da empreiteira recompor o mais rápido possível, pois ela ganha pela obra e pela reposição do local. Digamos que os serviços da Copasa estejam divididos “meio a meio” entre próprios e terceirizados. Mas tudo sob nossa supervisão.

bairro-a-bairro

## A importância de participar

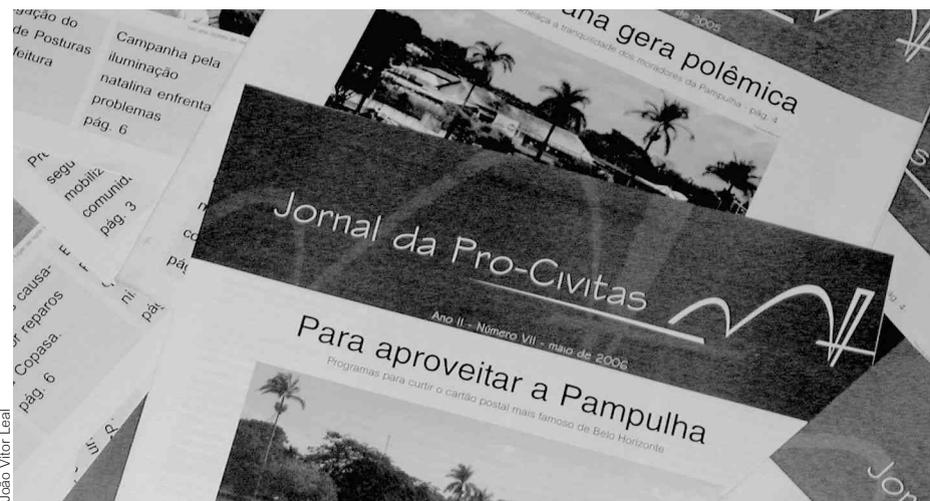
Reportagem: Livia Neto

As primeiras Associações de Bairro, parecidas com as que existem hoje, surgiram no Brasil na década de 80. Os bairros das cidades grandes, principalmente, cresceram e passaram a oferecer todo tipo de serviço que a população precisava no dia-a-dia. Lojas, jornais e administrações regionais caracterizavam a autonomia cada vez maior dessas regiões.

Os moradores começaram a sentir a necessidade de se organizar para combater e pressionar as autoridades políticas em relação aos principais problemas dos lugares onde moravam. Afinal, eram eles que sentiam diretamente quais eram as principais necessidades do lugar onde viviam. Dessa forma, surgiram as Associações de Bairro, como uma tentativa de melhorar a qualidade de vida e atingir o bem comum.

Ainda hoje a mesma sorte de motivações levam à formação de uma Associação. Segundo Rosanne von Sperling, presidente da Associação dos Moradores e Empresários do Bairro Sion (AMESION), o índice de criminalidade na região era muito alto. De acordo com uma pesquisa, 85% dos moradores apontavam a falta de segurança como o principal problema do bairro. Em contrapartida, a população organizou o Projeto Sion Seguro, que a partir da mobilização comunitária, conseguiu a instalação do 2º Pelotão no bairro e a formação de “uma rede pela vigilância comunitária”.

O projeto foi o ponto de partida para a formação da AMESION, que já obteve uma série de conquistas para o bairro, que vão desde a instituição da coleta de lixo seletiva até a promoção de palestras sobre segu-



Cada vez mais próximas dos moradores, as associações de bairro ganham espaço em BH.

rança de casas e condomínios para os moradores.

Maria da Penha Figueiredo resalta os benefícios que a Associação Pro-Civitas trouxe para o bairro São José. “Mais policiamento, limpeza, mais respeito aos moradores (da parte dos organizadores de eventos) e mais união entre eles”, diz ela.

Se de um lado os principais beneficiados das ações de uma Associação de Bairro são os moradores dos locais onde elas se situam, por outro é difícil conseguir a organização e participação ativa da comunidade. Mesmo as Associações mais ativas têm problemas quanto à participação popular. Muitas pessoas acreditam que o atendimento das necessidades básicas é dever do Estado e não cabe aos cidadãos a mobilização para a prestação de serviços públicos.

No entanto, uma Associação de Bairro é uma forma efetiva de representação política e provoca as autoridades na realização de projetos e na tomada de decisões que beneficiem a comunidade. “Se o caminho só

de pagar impostos desse certo, estaríamos em outro estágio”, reforça Rosanne von Sperling.

Cacilda Bonfante, moradora do bairro São Luís, vê as Associações de Bairro e a Pro-Civitas, especialmente, como instrumento de luta para melhorar a qualidade de vida. Reforça ainda que “no contexto político em que vivemos as pessoas só conseguem mudanças se estiverem unidas, lutando por um mesmo ideal”.

Marluce Guimarães Gomes, do bairro São José, compartilha dessa opinião e acrescenta que “quem vive em comunidade tem que participar. As pessoas têm uma força que ainda não descobriram, mas sozinhos não fazemos nada”.

Além da força representativa, uma Associação de Bairro gera laços de amizade e cooperativismo, estimula a conscientização e a politização de seus membros e contribui para a formação de uma sociedade mais engajada e participativa. Vale a pena, acredite!

você sabia...

O barulho pode ser mais prejudicial do que você imagina. Segundo pesquisas, o ser humano é capaz de tolerar sons até 120 decibéis (unidade de medida do volume do som), mas aqueles superiores a 50 já podem causar problemas. E não são só os ouvintes que sofrem com o barulho: para se ter uma idéia, em uma agência bancária, onde o volume é entre 55 e 65 decibéis, são sintomas comuns o stress e a diminuição da concentração e da produtividade intelectual. Um aspirador de pó chega a 81 decibéis e um trio elétrico a 130!

A exposição freqüente ao barulho causa, aos poucos, perda permanente da audição. Logo a pessoa tem dificuldade de entender conversações e se torna dependente do barulho – não conseguindo dormir, por exemplo, sem uma TV ou um rádio ligados. Em casos mais graves, de longa exposição a sons superiores a 70 decibéis, há risco de infecções e mesmo de um enfarte.

Por isso, fique atento: cuidar do ambiente em que você está é também cuidar da sua saúde.

Jornal da Pro-Civitas



Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José  
Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.270-750  
Tel: 3490-4564 - e-mail: pro\_civitas@terra.com.br